PLAYLIST

Dollhouse — Melanie Martinez
Carousel — Melanie Martinez
Daisy — Ashnikko
STUPID — Ashnikko
Let the Bodies Hit the Floor — Drowning Pool
Graveyard — Halsey
isaac's insects — Isaac Dunbar
mime — Isaac Dunbar

AVISO

Este livro é extremamente sombrio, com situações perturbadoras como violência extrema e sangue, excitação por assassínio, menções a abuso infantil, tortura psicológica, suicídio e cenas sexuais explícitas adequadas a leitores com mais de dezoito anos.

CAPÍTULO 1

— Um. — *Facada.* Um grunhido antecede a minha próxima palavra. — Dois. — *Facada.* Outro grunhido. — O Freddy vem buscar-te — canto numa voz estridente e infantil. O sangue jorra das suas feridas, pintando o meu rosto num mosaico de vermelho e sangue.

O mal sai de cada buraco que fiz no seu corpo. Sinto-o a libertar-se de quase todos os cantos desta casa, como o fumo das máquinas. Inspiro fundo, notando o *cheiro* do mal que emana dele.

Cheira a ovo podre e a enxofre. É assim que sei que tomei a decisão certa.

— Mortis, segura-lhe a cabeça — ordeno. O meu capanga obedece. Prende a cabeça do demónio com as suas mãos vermelhas e imobiliza-o, enquanto lhe crava as garras negras no rosto. Os esforços dele para se soltar são bem *cómicos.*

Com a minha linda faca na mão, inclino-me e começo a trabalhar a lâmina afiada em redor do globo ocular do homem. É a minha faca favorita. O cabo é rosa-vivo e tem redemoinhos na extremidade. Tenho-a desde pequena. É a única coisa que me resta da minha mãe.

Os gritos do parasita que se contorce intensificam-se à medida que a faca se afunda, cortando o rebordo interior da sua pálpebra, como se tirasse um bolo da forma. O sangue jorra do orifício, quase a salpicar os meus olhos.

Enfio a faca mais fundo e, depois, puxo-a, retirando-lhe o globo ocular.

Os olhos dele são de um azul muito bonito.

— Três, quatro, é melhor trancar o quarto — continuo, com uma voz mais suave e distraída, pois o prazer flui por todas as células do meu corpo e dirige-se para o ponto entre as pernas. Nada me excita mais do que a minha missão.

Atiro o globo ocular para o chão de madeira com um suave baque que é engolido pelos gritos do homem.

Coisinha parva. Ninguém te vai ouvir gritar.

Afasto o Mortis, não preciso mais dele por agora, e ele volta à sua posição no canto da sala.

O homem por baixo de mim contorce-se, chamando-me todos os nomes. As suas palavras saem distorcidas pelo sangue que entra *e* sai da sua boca. Devo ter-lhe atingido um dos pulmões.

Ops!

Ele aproveita a minha distração para se libertar. Quase voo para o lado, aterrando desajeitadamente, com a faca a poucos centímetros da cara. Ele tropeça ao levantar-se, enquanto o meu capanga Mortis dá um passo na sua direção.

— Deixa-o ir. Gosto da perseguição — ordeno, observando a vítima a cambalear e a fugir porta fora.

Levanto-me e saio calmamente da sala. Sem o conhecimento dos proprietários da feira, eu e os meus capangas pintámos as janelas para que os demónios não pudessem escapar, e os pontos de saída de emergência estão sob a vigilância dos restantes capangas. A casa está barricada.

Não tem hipótese de escapar. E eu adoro jogos.

— Cinco, seis, agarra num crucifixo — canto alto, sabendo que ele me ouve. Julgo que sou *eu* que preciso do crucifixo. A casa inteira está a ficar empestada com o seu cheiro a ovo podre. Estremeço de ansiedade para livrar a casa dele.

Olho primeiro para os dois lados do corredor. As máquinas de fumo estão desligadas, mas a falta de ventilação da casa permite que

o fumo colorido permaneça. Eles tingem sempre o fumo com todo o tipo de cores, criando um efeito *trippy* quando combinado com as luzes estroboscópicas.

Agora que o exterior da casa está vazio, voltei a ligar todas as luzes estroboscópicas intermitentes e a música, repleta de risos maléficos, uivos e gemidos de *zombies*.

Chacal, um dos meus capangas, encontra-se ao fundo do corredor, parte do seu corpo ocultada pelo fumo. Só se vê a sua cara queimada, coberta de furúnculos, um sorriso anormalmente largo que se estende pelas faces, com sangue a pingar dos seus dentes de tubarão e grandes olhos amarelos. A sua maquilhagem é sempre mais grotesca do que a dos outros e é por isso que o obrigo a guardar as portas. A pele queimada parece real ao toque, mas não passa de maquilhagem e de próteses.

Não se mexe e continua a olhar para mim.

Sabe que adoro as perseguições.

O meu olhar dirige-se para o chão de madeira branca, onde vejo um rasto de sangue a desviar-se para a minha esquerda, em direção à escada. Ele tenta escapar-me.

Sigo o rasto de sangue, sorrindo.

— Sete, oito, vou ficar acordada até tarde.

Um baque ecoa ao fundo das escadas, seguido de um grito agudo. Dou uma gargalhada percebendo que ele chocou contra um dos meus capangas. Outro estrondo e um grito de frustração. Apresso o passo, com o coração a bater mais forte agora que sei que está a portar-se mal.

Ao chegar ao fundo dos degraus de um rosa *Barbie*, dou a volta ao corrimão e canto:

— Nove, dez, nunca mais durmo.

— Cabra maluca! — grita ele algures da casa.

Franzo o sobrolho, magoada e zangada com as suas palavras.

— Eu não sou maluca! — grito. Depois, respiro fundo, acalmo-me e volto a pôr um sorriso no rosto. — Sou simplesmente apaixonada.

À minha esquerda, através de portas duplas cor-de-rosa, fica a sala de estar. Mais fumo colorido enche a sala, mas o conceito aberto do piso inferior torna-o mais leve, facilitando a visão. No sofá azul-claro brilhante, uma boneca mecânica grávida está a dar à luz um demónio. É como olhar para o passado e assistir ao nascimento do demónio atual que corre desenfreado pela minha casa de bonecas.

Toda a casa está decorada em branco e rosa, com salpicos de cores vivas. A lareira de pedra branca no canto da sala está forrada de bonecas, com as caras derretidas ou sujas, com pedaços de cabelo arrancados do crânio. A visão deixa-me sempre feliz.

Dirijo-me, entusiasmada, para o corredor que conduz à cozinha. O rasto de sangue leva-me até lá. Com base nas manchas das mãos e nas marcas de sangue, ele deve ter caído ali. Provavelmente quando chocou contra o Cronus.

Afinal de contas, o Cronus é do tamanho de um camião *Mac*. Deve ser culturista nos tempos livres. O seu pescoço é do tamanho de um tronco de árvore e os braços são ainda maiores. Veias salientes cobrem-lhe o corpo, especialmente a pila. Parece não ter boca nem olhos, com próteses convincentes a cobri-los, dando a impressão de que a sua cara está vazia. Nunca me dei ao trabalho de perguntar como vê, já que é mudo. Imagino que as próteses oculares sejam transparentes, pois nunca parece ter problemas de visão.

Ao passar pela cozinha, vejo o demónio a lutar para erguer o machado que tem nas mãos, apesar de estar a perder sangue rapidamente e a adrenalina ser a única coisa que lhe mantém o corpo a funcionar.

Uma raiva vibrante faz-me arregalar os olhos e incendeia-me as entranhas quando ele acerta com o machado na parede.

Como se atreve?

Não consegue passar pelos meus capangas, por isso profana a minha linda casa de bonecas e tenta fugir através das paredes.

— Estás a magoar-me, demónio — digo, anunciando-me. Ele imobiliza-se ao ouvir a minha voz. Mostra-se pálido como um fantasma.

Quando se vira para ver a minha carranca, tenta balançar o machado com mais vigor. Desesperadamente. No entanto, só consegue cravar a lâmina na parede mais uma vez.

Já está demasiado fraco.

— Cronus! — grito, batendo com o pé enquanto exclamo: — Ele está a tornar a minha casa de bonecas feia!

O Cronus entra na sala, mas o demónio não o reconhece. Está demasiado concentrado na fuga.

Aponto para ele.

— Faz com que ele pare! — ordeno.

O Cronus aproxima-se do homem. Ao senti-lo, e descontrolado, o fulano balança o machado, com um brilho enlouquecido no olho. Solta um grito de guerra, mas o Cronus arranca facilmente a arma afiada das mãos do sujeito. Agarra numa ponta do machado e parte-a sobre o joelho, separando-o em dois como se fosse um ramo.

O olho do homem arregala-se. Costumava ser de um azul bonito, mas a sua pupila dominou-o, transformando-o num olho quase negro, tal como um verdadeiro demónio. O seu olho percorre a sala, passando por mim como se eu não estivesse lá, à procura de um caminho de fuga, mas não há nenhum.

Não nos podemos esconder do destino, e essa é a parte engraçada, porque ele encontra-nos sempre.

O braço do Cronus estende-se mais rápido do que um chicote e agarra o homem pela garganta, aproximando-o do seu rosto. O sujeito contorce-se e grita na cara dele, uma mistura de medo e frustração. Junto-me ao Cronus, mas ele nem me dá atenção. Não quando um homem gigantesco o segura contra o seu rosto vazio.

— Trá-lo de volta para o meu quarto — ordeno, virando-me sem olhar para trás. O Cronus arrasta-o, ignorando os socos e pontapés que lhe são desferidos. Entro no meu lindo quarto cor-de-rosa. O Mortis continua à minha espera no canto, encostado à parede, com os braços cruzados sobre o peito e uma expressão de tédio. Parece quase congelado.

Não lhe presto atenção, pois o meu foco concentra-se no demónio que está a ser trazido para o quarto. A adrenalina aumenta e as minhas mãos quase tremem com o desejo que me percorre.

O Cronus atira o demónio ao chão e sai, confiando em mim para concluir o trabalho da minha vida. Mesmo com várias facadas e sem um olho, o demónio continua a lutar. É nojento.

Volto para cima dele, retomando a posição original. Ele contorce-se, tentando desesperadamente derrubar-me. A sensação do corpo a remexer-se é repugnante, mas o sangue que cobre o seu corpo faz-me tremer. Adoro a visão, mas não é suficiente.

Desço a faca com toda a força, cravando-a profundamente no seu tronco. Ergo-me e esfaqueio-o mais algumas vezes. Ele grita de novo, com o olho arregalado pela dor, e deleito-me com o som. É como música para os meus ouvidos.

Ele levanta-se por instinto, ainda a gritar. Aproveito para lhe espetar a faca na cabeça. O seu corpo fica frouxo e os nervos falham-lhe. O organismo entra em convulsão e o olho revira-se.

Arranco-lhe a faca da cabeça e esfaqueio-o freneticamente. A sensação da minha linda faca a cortar carne e osso faz-me vibrar o clitóris. Volto a cantar a canção do Freddy em voz alta, pontuando cada palavra com outra facada. O cheiro a ovo podre intensifica-se, enchendo-me o nariz e tornando-se mais forte até atingir a sala como o fumo denso no corredor.

A certa altura, os meus olhos reviram-se e afrouxo o braço cansado. O meu corpo estremece de puro êxtase. Esfrego-me no recipiente vazio que se ergueu com a matança. A euforia percorre-me a espinha e, em segundos, venho-me com força. Continuo a bater as ancas contra o homem, prolongando o orgasmo e espremendo a vagina até à última gota. Estou a inundá-lo e os meus sucos misturam-se com o seu sangue.

Desço, estremecendo e gemendo.

Quando levanto a faca de novo, uma voz suave interrompe-me.

— Acho que ele está morto — comenta o Mortis secamente. Sorrio com o seu tom de voz e olho por cima do ombro, vendo que

se vestiu a rigor. Sorrio mais. Está *sempre* bem-vestido. Todos os meus capangas estão. Todos desempenham o seu papel, porque é o que fazemos. É assim que erradicamos o mal do mundo, cidade a cidade.

O Mortis tem a cara pintada de vermelho-sangue, círculos negros em redor dos olhos, espigões colados no meio da cabeça careca e lentes de contacto vermelhas. Usa luvas com garras no lugar dos dedos. E bem afiadas. Já vi essas pequenas lâminas a afundarem-se na carne e a partir ossos. Lambi o sangue delas, cortando a língua no processo, e deliciando-me com a euforia de fazer justiça a este mundo.

Um *verdadeiro* serviço.

O papá sempre disse que prestava um serviço a este mundo, mas estava errado. Ele corrompia o mundo, enquanto dou o meu melhor para o salvar.

Estas pessoas estariam perdidas sem mim, Sibel. Deus escolheu-me para cumprir a Sua lei, e não O vou desiludir.

Afastando a memória, olho novamente para o saco de carne desperdiçada entre as minhas coxas. Quando ele entrou em minha casa, *tresandava* a maldade. Sentia-se o cheiro a quilómetros. A namorada, agarrada a ele como se o mundo fosse acabar, cheirava a rosas acabadas de desabrochar. A rapariga não sabia a maldade a que se agarrava.

Salvei-a.

O homem por baixo de mim quase não é homem. A minha faca desapareceu tantas vezes na sua cara que só resta massa cerebral, carne e ossos. Os dentes sobressaem no sangue. Inclino a cabeça. Ele tem várias cáries, mais um testemunho da malevolência que reside nele. Quando se tem um demónio na alma, este apodrece-nos de dentro para fora. Os dentes pretos e podres são um bom indicador.

Volto a sorrir. Escolhi bem.

Levanto-me, com o vestido branco a manchar o chão de madeira de vermelho. O Timothy virá em breve e limpará tudo para mim, e o Mortis livra-se do corpo. Os meus capangas tratam-me bem. Em troca, recompenso-os com carinho.

Acenando com a mão ao homem e fazendo sinal ao Mortis para que o leve, o meu fiel capanga avança, levanta o morto por baixo dos braços e arrasta-o para fora. Os visitantes já se foram há muito, os operadores e os empregados dos camiões de comida abandonaram os seus postos e partiram para descansar. Todos os funcionários são obrigados a abandonar o recinto quando a feira fecha, incluindo os meus capangas, mas eles arranjam sempre maneira de voltar a entrar assim que o recinto fica vazio.

Agora é seguro para o Mortis. Não sei bem onde põe os corpos, pois o cenário está sempre a mudar. Mas descobre um local, e confio nele para fazer bem o trabalho.

Fazemos isto há cinco anos e nunca fomos apanhados, graças ao Mortis e ao Timothy.

O Timothy vem a entrar. Com a casa fechada durante a noite, podemos circular livremente. Durante o dia, estão confinados aos seus postos, pregando os mesmos sustos de sempre a todos os visitantes que passam pela minha casa de bonecas enquanto os assombro por dentro das paredes. Os meus pobres bebés aborrecem-se tanto! É por isso que lhes dou um gostinho quando faço o meu julgamento.

Com a Feira de Satanás a viajar pelo país durante os meses de outono, tornámo-nos famosos. É uma feira de Halloween itinerante, com dezenas de casas assombradas, pequenos passeios emocionantes e muita comida. Todos os anos, o tema das nossas casas muda para evitar que os visitantes os repitam, assustados pelos mesmos monstros.

Este ano, a minha casa chama-se *Casa de Bonecas da Annie*. Toda ela está decorada de forma a parecer uma casa de bonecas de criança. Adoro a decoração. Há cor-de-rosa e folhos por todo o lado, bonecas para brincar quando me aborreço. Brinco a vestir-me com os fatos, danço frente ao espelho e canto a minha canção preferida, «Ring Around the Rosey». Por vezes, quando estou *mesmo* aborrecida, corto a pele do demónio que julguei e uso-a como vestido.

Os meus capangas adoram ver-me brincar. Quando estou feliz, eles também ficam felizes.

Várias pessoas trabalham na minha casa durante a operação, mas apenas cinco me são leais. Atribuí a cada uma delas uma tarefa específica. Aparecem quando a sua presença é necessária. O Mortis e o Timothy são os meus preferidos, e é por isso que os deixo eliminar a doença depois de terminar. Os outros três estão encarregados de afastar o demónio após o meu julgamento.

— Queres que te limpe, Sibby? — pergunta o Timothy por baixo de mim, com as costas musculadas à mostra. O Timothy tem o melhor corpo de todos, por isso não usa camisola durante a operação. Marcas de mãos ensanguentadas cobrem-lhe o peito e o estômago, bem como moldes de plástico com marcas profundas de unhas. Parecem reais!

Ele está ajoelhado à minha frente, a limpar o sangue que se acumulou debaixo dos meus pés. Descalço os chinelos estragados e passo em bicos de pés sobre o sangue, fingindo que é lava que vai arder se me tocar.

O Timothy observa-me a saltitar, com um sorriso de palhaço estampado no rosto. Da sua cabeça careca brotam tufos de cabelo azul real que contrastam com a pele branca, os lábios vermelhos e os triângulos vermelhos que decoram os seus olhos azul-bebé. Possui dentes afiados por baixo dos lábios carnudos, mas tem sempre o cuidado de não me cortar quando me lambe.

— Sim, por favor, Timothy — respondo, dirigindo-me para a cadeira de baloiço no canto da sala. Durante o dia, um manequim de mulher senta-se aqui, embalando o seu bebé decapitado enquanto canta uma canção assustadora.

O Timothy limpa primeiro o chão, remove o sangue e enfia os panos num saco do lixo preto, guardando-o num canto para o levar mais tarde. Depois, traz panos lavados e limpa-me o sangue do rosto e do pescoço.

O seu toque é suave e carinhoso. Adoro quando o Timothy me limpa, porque olha para mim como se eu fosse o seu adereço preferido.

Quando acaba de limpar o meu rosto, desce para os braços e as mãos. Depois, para as pernas.

A minha respiração fica suspensa. Esta é sempre a parte que prefiro.

Com gentileza, ele passa o pano pelos meus pés, e vai subindo, massajando a barriga da perna. Gemo, com arrepios a subirem-me pela espinha, numa mistura de dor e prazer. O meu núcleo aquece, os sucos acumulam-se entre as minhas coxas e as suas mãos dirigem-se lentamente para o meu centro.

Levanta-me o vestido, pondo a minha cintura a descoberto. Não uso cuecas. Acho-as restritivas para os meus capangas.

Abro bem as pernas na cadeira de baloiço para que o Timothy tenha acesso total. Ele lança-me um último olhar, certificando-se de que tem a minha permissão antes de passar a língua húmida pela minha fenda.

Suspiro quando o prazer me invade. O meu pequeno suspiro é o incentivo de que precisa. Ele instala-se mais profundamente, cobrindo toda a minha abertura com a boca e devorando-me. A sua língua penetra dentro de mim com golpes afiados que me arrancam pura euforia. Quase perco a cabeça quando ele enrijece a língua e me lambe o clitóris.

Os meus olhos reviram-se e as minhas ancas batem contra o seu rosto. Agarro-lhe a nuca com uma das mãos, puxando-o para mais perto e quase sufocando o palhaço com os meus sucos.

O Mortis entra no quarto quando o meu orgasmo atinge o auge. O oxigénio esgota-se dos meus pulmões, e fogo de artifício explode no fundo dos meus olhos. O êxtase invade-me e não consigo controlar o tremor que me domina enquanto me deixo levar pelas ondas contra o rosto do Timothy.

Só quando o orgasmo abranda é que me encosto à cadeira de baloiço, o corpo esgotado. O Timothy afasta-se, lambendo os lábios pintados de vermelho, como se tivesse acabado de provar a melhor refeição da vida. Sorrio, agradecida.

Ele é tão fofo!

Olhando para cima, vejo o Mortis já com as calças à volta dos tornozelos e o pénis agarrado firmemente no punho. Lambo os lábios, salivando. O Mortis não se preocupa em pintar o resto do corpo de vermelho, apenas o rosto. O meu capanga é muito alto, mas extremamente magro. Não tem carne no corpo, mas não me importo, não quando tem toda a carne que precisa entre as pernas.

O Timothy afasta-se, deixando o Mortis avançar, agarrar-me e afundar-se na cadeira por baixo de mim. Põe-me no colo, com a ponta dura a encaixar-se perfeitamente na minha entrada. O Timothy preparou-me bem, deixando-me molhada. Mexo as ancas, deslizando o meu centro para cima e para baixo no seu eixo, arrancando gemidos profundos a ambos.

Farto da tortura, ele levanta-me o suficiente para colocar a coroa da sua cabeça na minha entrada, e depois empurra-me para baixo, levantando as suas ancas ossudas ao mesmo tempo.

A minha cabeça cai para trás, e sai-me um longo gemido da garganta, como se um lobo uivasse à Lua. Deixo o Mortis fazer todo o trabalho, aproveitando a sua atenção e a necessidade que tem de assumir o controlo. Adoro a forma como domina o meu corpo enquanto me penetra. O som da pele a bater e os grunhidos enchem a sala quando o Timothy sai para deitar o lixo fora.

Inclino a cabeça para trás, soltando um longo gemido. A espiral no meu estômago aperta. Parece uma corda a desfiar-se nas costuras, um peso-pesado a puxá-la até que… *estala.*

Solto um grito quando outro orgasmo me atravessa. O Mortis grunhe por baixo de mim, mexendo os quadris mais depressa, mais devagar, perseguindo o próprio orgasmo. De imediato, ele encontra o que procurava, imobilizando-se e soltando um longo gemido enquanto o seu esperma me enche.

Um sorriso largo surge no meu rosto pálido.

Não me assusto como os capangas, mas visto-me para o caso de ser apanhada. Faço com que o meu rosto pareça uma boneca com a cara partida, com fendas e fissuras na pele. Só retiro a maquilhagem à noite.

Sem ela, sou apenas uma rapariga normal. Tenho o cabelo castanho, os olhos castanhos e um rosto normal. Não sou feia, mas também não vou ser capa de revista.

Não faz mal. Não preciso de ser bonita quando faço aquilo para que fui criada.

Não há uma alma que passe pela soleira desta casa sem que a julgue, determinando se o mal reside na sua alma. Enquanto elas percorrem o labirinto da minha casa de bonecas, observo-as por dentro das paredes.

Todas são julgadas. Cada uma delas.

Se falharem, canto as minhas canções, e os meus capangas levam-nas para longe, separando-as da família ou dos amigos. E quando estiverem sozinhas, ataco.

Nunca mais serão vistas, e terei livrado este mundo de mais um demónio.

CAPÍTULO 2

— Mortis, está quieto! — repreendo-o, afastando-lhe a mão com uma palmada. Ele retira-a, mas sei que voltará a subir pela minha coxa num instante.

O Mortis é o mais carente do grupo, embora ninguém se aperceba disso a menos que ele queira. Isso deve-se aos graves problemas que teve com a mãe, que era viciada em *crack* quando engravidou e que o ignorou quase completamente mal nasceu. Até que teve uma *overdose* e foi colocado no sistema de proteção infantil numa idade bastante jovem.

Os outros quatro tiveram infâncias semelhantes. Todos com pais problemáticos que os maltrataram de uma forma ou de outra. O Baine foi vítima de abuso sexual; o pai tinha queda para o sexo oral. Ele nunca o disse, mas julgo que é por isso que passa fome. Tem uma relação estranha com o facto de colocar qualquer coisa na boca, mesmo comida. É o único que não faz sexo oral comigo, e nunca o forcei a fazê-lo.

Como o Cronus é mudo, jamais ouvi a sua história. Sei que é capaz de falar, mas nega-se a fazê-lo. Já o investiguei e percebi que a mãe o fechou num armário em pequeno e recusou-se a deixá-lo sair durante meses. Ele ficou em silêncio depois de gritar pela mãe até perder a voz, e nunca mais falou.

O Chacal e o Timothy cresceram no sistema de famílias de acolhimento desde que se lembram. Mudavam de casa em casa, de um abusador para outro. Contaram-me histórias sobre as experiências em alguns desses lares que quase me levaram às lágrimas.

Todos nós fomos privados de amor e encontrámos muito amor uns nos outros.

A minha casa de bonecas já está instalada no seu novo local, em Houston, no Texas, e a feira vai abrir em breve. O Mortis tem-me apalpado o dia todo, querendo foder-me quando me esforço por me concentrar. Tenho a sensação de que ele vai chamar o resto dos capangas para tentar relaxar-me. Sabem que, quando se juntam a mim com todas as pilas a rodear-me, não resisto.

Neste momento, não preciso dessa distração. O que *preciso* é de me concentrar.

Houve alturas em que cheguei a uma cidade e não senti o mal nos visitantes. Sei que andavam por aí, mas algo manteve-os longe de mim e impediu-os de alcançar o destino que merecem.

Esses dias são os piores. É um dia perdido, um demónio a mais no mundo para manchar esta Terra com a podridão. Questiono sempre o Criador: *porque* os deixaste escapar? Porque permitiste que a escória continuasse a viver e a respirar mais um dia?

Parece que os parasitas rastejam sob a minha pele. E é por isso que fiz da minha missão garantir que o mal venha até mim. Não posso permitir que os demónios escapem. Se isso acontecer, continuarão a manchar este mundo com a sua imundície.

Lembro-me do último demónio que matei e de como a namorada estava agarrada a ele quando entraram na minha casa. As rosas dela teriam murchado e ficado desfeitas com o alcatrão que ele decerto derramaria nas suas pétalas.

Tal como as da minha mãe quando o meu pai a manchou com os seus pecados.

Tenho de evitar que isso aconteça. Este mundo merece ser puro. A minha mãe também merecia ser pura. E mesmo que ela nunca

venha a experimentar isso, as suas flores murcharam para que eu pudesse nascer e criar um mundo *novo*, sem maldade.

Durante o dia, as casas estão fechadas e os monstros fantasiados passeiam pelo recinto da feira. Assustam as crianças, perseguem os adultos e fazem-nos correr em direção à máquina de sugar dinheiro que alcançarem primeiro. Seja um multibanco ou um terminal de cartão de crédito que lhes dá acesso a comida gordurosa e a bilhetes intermináveis.

Gosto de explorar durante o dia, farejando os ímpios no meio da multidão. Num bom dia, fico impressionada com a quantidade de almas negras que andam neste mundo. Não posso matá-las todas, mas tento o meu melhor a fim de as atrair para a minha casa de bonecas.

Aproximo-me delas normalmente, fazendo o meu trabalho e assustando-as. Elas riem e sorriem, enquanto tremo com um desejo incontrolável de as executar. Faço um ar inocente e digo-lhes que venham brincar comigo na minha casa de bonecas. Prometo-lhes que será divertido, com um sorriso malicioso no rosto. E *isso* não preciso de fingir.

Na maior parte das vezes, funciona às mil maravilhas.

Depois, quando a noite cai, espero ansiosamente dentro das paredes. A *Casa de Bonecas da Annie* só permite a entrada de dez pessoas de cada vez, para que não fique sobrelotada. Isso dá-me o tempo de que preciso para observar cada visitante de perto, seguindo-o enquanto decido se a sua alma está contaminadas ou não, antes de passar ao seguinte.

Não conheço todos os pecados que desonram uma alma. A violação óbvia ou o assassínio de alguém apenas para proveito ou prazer mancha uma alma. No entanto, não acredito que todos os demónios tenham cometido crimes tão hediondos. Alguns são mais espertos, mantendo as trevas bem guardadas. Navegam na *dark web*, masturbando-se com pornografia infantil ou lendo livros de receitas sobre como grelhar carne humana. Outros têm prazer em

fornicar animais e gravar as suas ações. Os que não os fornicam, normalmente matam-nos. Animais inocentes sucumbiram à tortura porque há uma doença terrível que reside nos humanos.

Ou talvez não façam nenhuma dessas coisas, mas desejem fazê-las. Afinal, todos os crimes começam com um pensamento inocente: um desejo simples que não passa de uma mania ou de um «e se». Até que esses desejos evoluem e se transformam em ações.

Há certamente um milhão de razões, e estou disposta a descobri-las. Cheiram todas ao mesmo. Podre e mau. Tal como os puros tendem a ter aromas doces ou naturais. As flores são as minhas preferidas, dado serem as mais puras.

Desde que me lembro que reparo nas almas decrépitas. Os meus pais eram membros da Igreja Batista Santa. O pai gostava de atrair pessoas para adorarem a sua palavra, afirmando ser um discípulo de Deus com o poder da palavra.

As pessoas acreditavam nele. *Milhares*. *Ele* tornou-se o seu Deus. À noite, quando a mamã dormia, eu acordava com os gritos. Saía do quarto, ia em bicos de pés pelo corredor e via várias pessoas nuas no quarto com o meu pai, a satisfazer-lhe os desejos. Pelo que deduzia, ele nunca retribuía os favores, pelo menos, não a sério. Deixava que os homens e as mulheres lhe dessem prazer com a boca e depois montavam-no, enquanto ele se limitava a receber como uma preguiça gulosa.

Quando lhe perguntei porque permitia que as pessoas lhe fizessem aquelas coisas, ele respondeu que os fluidos do seu corpo eram o néctar de Deus e que a única forma de as abençoar verdadeiramente com Deus era drenar os seus fluidos da forma que escolhessem.

Eu não tinha a certeza de que isso fosse verdade, mas não discuti. Já sabia que era inútil.

O meu pai cheirava a ovos podres. Tal como muitas das pessoas da nossa igreja, que lhe sugavam o néctar. No entanto, não compreendia que estas coisas me eram mostradas com um propósito: erradicar esses demónios. Na altura, estava demasiado preocupada com a mamã e com o seu corpo cada vez mais frágil. Ela era pele

e ossos, uma concha vazia de mulher a quem restava apenas uma alma ferida.

A mamã cheirava a rosas negras. O papá manchou-a, e as pétalas começaram a murchar e a apodrecer.

Perdi-a quando não devia. Se ela nos tivesse tirado daquela Igreja maligna com um ditador ainda pior, poderíamos ter tido uma vida feliz. Suponho que a sua morte não foi em vão, pois ofereceu-me um propósito. Se conseguir erradicar todo o mal, então poderei finalmente viver num mundo puro com o meu jardim de flores.

Levantando-me, olho para o Mortis. Ele hoje está carente. Não *gosto* de pessoas carentes.

— O que se passa contigo? — sussurro, pondo as mãos nas ancas.

— Tu estás no limite — responde com voz monótona. O Mortis nunca fala com muita inflexão na voz. — Quero acalmar-te.

Faço uma careta.

— A única coisa que me vai acalmar é apanhar outro demónio. Já devias saber isso.

Ele fica a olhar para mim, com o rosto vazio e inexpressivo.

Resmungando, dou meia-volta e saio de casa. Ainda não chegou ninguém para as casas assombradas, o que agradeço. Não gosto de interagir. São péssimos atores, sujam a minha casa e deixam o lixo para eu limpar mais tarde.

Durante a época do Halloween, vivo em casa. Não gosto de sair, não vá surgir uma limpeza e precisar de agir rapidamente. Os meus capangas saem com o resto da equipa no final do dia e voltam a entrar sorrateiramente após o fecho da feira.

Depois de fazer o meu julgamento e de os meus capangas separarem os demónios, pressiono-os num determinado ponto até ficarem inconscientes, amarro-os e tapo-lhes a boca com fita adesiva. Os gritos e ruídos que fizerem quando acordarem misturam-se com os gritos de terror dos visitantes. Certifico-me de que estão inconscientes quando o pessoal fecha o local, mas assim que todos se vão embora, levo-os novamente para o meu quarto de brincar.

As pessoas comuns, que ocupam este mundo sem contribuir muito para ele, não compreenderiam. Sejam puras ou não, aos seus olhos, o assassínio é errado, mesmo que justificado. Não importa que o faça por *elas*.

São apenas fracas.

Ao sair de casa, inspiro profundamente. Comida gordurosa, lama e aromas fabricados vêm na minha direção, enchendo primeiro os meus sentidos. Demoro um minuto a adaptar-me aos odores que me distraem e a distinguir o cheiro das pessoas dos respetivos perfumes e dos aromas circundantes.

Vagueio pelo recinto da feira; o som da relva quebradiça acalma-me sob os meus finos chinelos brancos. Tenho comichão nos pés por causa das pequenas picadas da relva, mas não me importo. Roubo um pacote de algodão-doce quando o vendedor não está a olhar e saio a correr com a minha guloseima. Arranco alegremente as nuvens doces e açucaradas do cone e meto-as na boca enquanto observo os visitantes.

Já sinto o cheiro. Com tanta gente no recinto, demoro algum tempo a identificar a fonte exata do odor. Dirijo-me para ele, continuo a observar enquanto o farejo, como um cão.

O cheiro é definitivamente podre. Torço o nariz, parando a meio do passo para farejar a direção. Alguém bate no meu ombro, fazendo-me saltar, arrancando-me o algodão-doce da mão. Vejo a nuvem de açúcar a rolar pelo chão sujo, cheia de lama e relva.

Franzo o sobrolho, com uma tristeza profunda a agitar-se no fundo do estômago.

A rapariga vira-se, com os olhos arregalados.

— Peço imensa desculpa — diz ela apressadamente. Tem um bonito cabelo louro-esbranquiçado, olhos castanhos e uma linda pele de porcelana. Seria divertida de cortar.

Olho para ela e entro no seu espaço. Ela imobiliza-se, afastando-se de mim quando encosto o nariz ao seu pescoço e inspiro profundamente.

— Então, mas que raio? — exclama, recuperando da surpresa e afastando-se aos tropeções. — Acabaste de me *cheirar*? — pergunta, incrédula, olhando-me como se eu fosse uma tarada. O meu cabelo castanho-escuro está preso em tranças altas, os lábios vermelhos desleixados e tenho a cara pintada de forma a parecer a cara de vidro de uma boneca a partir-se, o que deve tornar-se assustador.

Os meus olhos quase se reviram quando sinto o seu aroma doce. Cheira a margaridas.

— Cheiras bem — respondo, sorrindo para que não fique mais zangada comigo. *Já* não estou zangada com *ela*, e foi ela que me estragou o algodão-doce.

A amiga, que vinha atrás, aproxima-se da minha pequena margarida. Também me olha como se eu fosse uma aberração.

Não gosto disso. Só tentava certificar-me de que não estava podre.

— Não percebes o que é espaço pessoal? — pergunta a amiga. O seu cabelo cor de laranja é frisado, e tem muitas sardas no rosto. Cheiro-a também. Cheira a papoilas. Gosto do aroma e, se não quisesse preservar as pessoas boas deste mundo, tentaria engarrafar o seu cheiro. Talvez encharcando a sua pele durante algum tempo para ver se recolhia o cheiro.

— Estão numa feira assombrada. Habituem-se aos sustos — respondo. Elas ficam a olhar para mim, aparentemente sem palavras, lanço-lhes um largo sorriso e continuo a andar. Provavelmente, agora vão afastar-se da casa de bonecas, mas não faz mal. A minha casa de bonecas serve para prender as pessoas más do mundo.

Afasto-me, sendo sugada pela multidão. Sinto os olhares persistentes e desagradáveis, o que me magoa. Paro de novo, a meio do passo, ao lembrar-me de que o meu algodão-doce ficou preso na lama. As lágrimas vêm-me aos olhos e franzo o sobrolho. Gostava mesmo daquele algodão-doce. Era cor-de-rosa, tal como a minha faca e a minha casa de bonecas.

Não estou feliz. Não estou nada feliz.

Atravesso a multidão, já sem me importar em ser mal-educada. A margarida e a papoila arruinaram-me o dia. Feriram-me os

sentimentos. A raiva cresce no meu estômago, substituindo a mágoa por fúria.

É por isso que não tens amigos, Sibel. És uma aberração e todos o veem. Deus viu a doença no teu cérebro e certificou-se de que todos os outros também a vissem.

Que se lixe o que Deus pensa. Eu também o tinha dito nessa altura, e o meu pai obrigou-me a pôr a mão num fogão quente por causa disso. A cicatriz não é física, mas sinto-a no cérebro *doente*.

A fúria potente aumenta, crescendo no meu peito e subindo até à garganta. A minha mão treme com a necessidade de agarrar numa faca pelo punho e enfiá-la profundamente na garganta de alguém. Anseio por ouvir o gorgolejar quando se engasgam com o próprio sangue. Quero ver os seus olhos baços, arregalados de medo. Quase vejo as suas vidas a brilhar nas íris dilatadas.

Anseio por isso.

Cerrando o punho com força para diminuir o tremor, concentro-me no cheiro.

Os meus olhos abrasadores vasculham a multidão, enquanto o odor a podre se intensifica à medida que passo por entre as pessoas. Uma rapariga empurra-me. Tropeço, mas endireito-me a tempo de não bater com a cara no chão.

Estou tão zangada que reparam em mim. Não quero que a Direção saiba que ando a empurrar as pessoas. É que… só queria que este fosse um bom dia!

Com um suspiro de raiva, antes que faça algo idiota como matar alguém a sangue-frio, regresso a correr à minha casa de bonecas. A raiva domina-me e já não consigo concentrar-me.

Matar alguém sem motivo seria pecado. A maior parte das pessoas não tem a coragem de fazer o que faço, de servir este mundo como o sirvo. Mas matar um inocente? Nem quero pensar nisso.

Volto para casa. O crepúsculo aproxima-se, o que significa que os intrusos vão começar a entrar na minha casa de bonecas, preparando-se para quando as portas se abrirem. Tenho de me esconder. Viro-me para a pequena porta oculta no canto da sala, atrás de uma boneca de tamanho real. Como a casa está às escuras e as luzes piscam, ninguém

reparou nela até agora. Certifico-me de que recorto as portas nas paredes em locais precisos, para não chamar a atenção.

Subo rapidamente e fecho a porta. As paredes são assustadoras, mas já me habituei a elas. As casas assombradas não são construídas como as habitações normais. Não as fazem para suportar vida, e, há muito tempo, descobri que criam grandes espaços entre as paredes, com o propósito de esconderem a cablagem e os mecanismos, mas tornando-os acessíveis caso algo se avarie. Em todo o meu tempo aqui, só um eletricista entrou no meu espaço para reparar uma falha de energia numa das salas.

Quando escolho uma nova casa assombrada, faço buracos nas paredes para aceder ao meu sistema de túneis e, depois, abro cuidadosamente orifícios em todas as salas e corredores para quando chegar a altura de fazer o meu julgamento. É aqui que passo a maior parte do tempo durante o horário de funcionamento.

Não me importo com a reclusão. Dá-me tempo para relaxar e concentrar em todas as formas de foder os meus capangas no sangue do demónio que se atrever a entrar em minha casa.

Retiro a minha linda faca do vestido branco, só para me trazer algum tipo de paz à tempestade que me assola a mente. Os meus vestidos são vistosos e cheios de folhos, mas adoro-os. Há muitas fantasias de boneca à disposição do pessoal; só tenho de ir buscar o que quero e deixar o resto para eles escolherem.

Vigas cortam o meu caminho. Há tiras de LED fracas que revestem a parte inferior das paredes, iluminando qualquer eletricista que precise de passar por aqui. Proporcionam a quantidade perfeita de iluminação sem serem suficientemente brilhantes para projetar qualquer uma das minhas sombras através das fendas nas paredes.

Em todos os cantos e recantos dos túneis, as aranhas tecem teias. Não me atreveria a varrê-las. Adoro aranhas. Adoro o que representam. Independentemente de quem somos, elas são predadoras. São sempre vistas como perigosas e temíveis.

Gostava de ser uma aranha. Adorava que a minha casa as simbolizasse durante um ano, para me poder vestir de aranha-rainha e

cravar os dentes na garganta de um pecador. À medida que fantasio, a raiva diminui e a junção entre as minhas coxas fica escorregadia.

Abro caminho silenciosamente pelos corredores, subindo as escadas que foram colocadas no interior das paredes. Daqui a uma hora, a casa assombrada abre. Já ouço os outros funcionários a chegar, a maioria vestida com fatos completos, a rir-se de todas as coisas que vão fazer para assustar os visitantes.

Nas paredes, ouço todo o tipo de conversas que não é suposto eu saber. Na maior parte das vezes, não me dou ao trabalho de ouvir. Não me interessam os dramas e as preocupações triviais dos outros. Quem fodeu o namorado de quem. No entanto, uma das conversas das raparigas chama-me a atenção quando passo por um dos quartos.

Faço uma pausa e aproximo-me mais da parede.

— Ele vem visitar-me esta noite, mas não sei se quero — diz a rapariga. Demoro um momento a perceber que está a chorar. Procuro o pequeno buraco e espreito para dentro do quarto, e olho em redor.

As raparigas encontram-se na casa de banho, ignorando o manequim no chuveiro, que está a ser eletrocutado pela água corrente. Ainda não ligaram o efeito do ruído; caso contrário, o manequim estaria a gritar e a atrapalhar a conversa.

A rapariga que chora é a Jennifer, uma loira alta que sempre foi muito querida. Está vestida com o seu fato. Tem o corpo pintado de branco, os olhos rodeados de aros negros e um vestido rasgado. Parece demoníaco, mas cheira a rosas.

A Jennifer está a conversar com outra colega nossa, a Sarah. A Sarah cheira-me a erva. Não é apelativo, mas também não é mau. É uma das protagonistas do drama na minha casa. Está sempre a abanar o cabelo castanho e a revirar os olhos para as pessoas.

E garanto que mal a Jennifer acabar de se queixar, ela vai-se embora a correr para repetir todas as palavras que ouviu.

É uma cabra, mas não é má.

— Porquê? — pergunta a Sarah, pousando uma mão pálida no ombro da Jennifer. A Sarah também está vestida como uma boneca,

embora a sua cara esteja pintada de forma a parecer bonita. É suposto enganar os visitantes, fazendo-os pensar que é inofensiva até abrir a boca e revelar os dentes afiados.

Já reparei que o traje é uma metáfora da sua personalidade.

— Ontem à noite — começa a Jennifer, um pouco nervosa —, bebi demais. E não me lembro bem, mas acho que o Gary fez sexo comigo quando lhe pedi que não o fizesse.

A Sarah suspira, os olhos arregalados e a mão a voar sobre a boca, em choque. Franzo o lábio, enojada com o que ouvi.

— Ele violou-te? — pergunta a Sarah por trás da mão.

Outra lágrima corre pelo rosto da Jennifer. Ela morde o lábio inferior e acena com a cabeça.

— Sim — engasga-se. — Acho que sim. Só me lembro de fragmentos, mas ele teve sexo comigo e eu… — diz, com um soluço que lhe rasga a garganta e lhe corta a frase. Aproximo-me, moldando-me à parede, como se isso lhe pudesse dar algum conforto.

A Sarah coloca uma mão reconfortante no braço da Jennifer.

— Está tudo bem, Jenny. Podes contar-me — assegura.

A Jennifer funga, limpando o ranho do nariz e também a tinta da fantasia.

— Lembro-me de lhe ter dito que parasse. Várias vezes. Acho que até tentei afastá-lo porque não me sentia bem. Lembro-me de ele me prender os braços e de me mandar calar quando lhe pedia que parasse. E não parava! — Termina a frase com um gemido, deixando cair o rosto nas mãos.

A Sarah abraça a Jennifer, que continua a soluçar.

Dou um passo atrás, ofegante, enquanto os pensamentos negros se agitam na minha cabeça. A Jennifer foi violada pelo namorado. Só alguém mau faria uma coisa dessas.

Os meus pensamentos entram em espiral num abismo profundo. Ela disse que ele viria a minha casa esta noite. O namorado violador vai estar na minha casa. E eu…

Esta noite, vou purificar o mundo de novo. E libertarei a Jennifer.